

História

Aluno

Caderno de Atividades Pedagógicas de Aprendizagem Autorregulada - 04

1ª Série | 4º Bimestre

Disciplina	Curso	Bimestre	Série
História	Ensino Médio	4º	1ª
Habilidades Associadas			
1. Comparar a colonização inglesa, espanhola e portuguesa.			
2. Caracterizar as relações de trabalho na América.			
3. Identificar a diversidade social na América Portuguesa.			
4. Analisar as diferentes atividades econômicas da América Portuguesa.			



GOVERNO DO
Rio de
Janeiro

SECRETARIA
DE EDUCAÇÃO

SOMANDO FORÇAS

Apresentação

A Secretaria de Estado de Educação elaborou o presente material com o intuito de estimular o envolvimento do estudante com situações concretas e contextualizadas de pesquisa, aprendizagem colaborativa e construções coletivas entre os próprios estudantes e respectivos tutores – docentes preparados para incentivar o desenvolvimento da autonomia do alunado.

A proposta de desenvolver atividades pedagógicas de aprendizagem autorregulada é mais uma estratégia pedagógica para se contribuir para a formação de cidadãos do século XXI, capazes de explorar suas competências cognitivas e não cognitivas. Assim, estimula-se a busca do conhecimento de forma autônoma, por meio dos diversos recursos bibliográficos e tecnológicos, de modo a encontrar soluções para desafios da contemporaneidade, na vida pessoal e profissional.

Estas atividades pedagógicas autorreguladas propiciam aos alunos o desenvolvimento das habilidades e competências nucleares previstas no currículo mínimo, por meio de atividades roteirizadas. Nesse contexto, o tutor será visto enquanto um mediador, um auxiliar. A aprendizagem é efetivada na medida em que cada aluno autorregula sua aprendizagem.

Destarte, as atividades pedagógicas pautadas no princípio da autorregulação objetivam, também, equipar os alunos, ajudá-los a desenvolver o seu conjunto de ferramentas mentais, ajudando-o a tomar consciência dos processos e procedimentos de aprendizagem que ele pode colocar em prática.

Ao desenvolver as suas capacidades de auto-observação e autoanálise, ele passa a ter maior domínio daquilo que faz. Desse modo, partindo do que o aluno já domina, será possível contribuir para o desenvolvimento de suas potencialidades originais e, assim, dominar plenamente todas as ferramentas da autorregulação.

Por meio desse processo de aprendizagem pautada no princípio da autorregulação, contribui-se para o desenvolvimento de habilidades e competências fundamentais para o aprender-a-aprender, o aprender-a-conhecer, o aprender-a-fazer, o aprender-a-conviver e o aprender-a-ser.

A elaboração destas atividades foi conduzida pela Diretoria de Articulação Curricular, da Superintendência Pedagógica desta SEEDUC, em conjunto com uma equipe de professores da rede estadual. Este documento encontra-se disponível em nosso site www.conexaoprofessor.rj.gov.br, a fim de que os professores de nossa rede também possam utilizá-lo como contribuição e complementação às suas aulas.

Estamos à disposição através do e-mail curriculominimo@educacao.rj.gov.br para quaisquer esclarecimentos necessários e críticas construtivas que contribuam com a elaboração deste material.

Secretaria de Estado de Educação

Caro Aluno,

Neste caderno, você encontrará atividades diretamente relacionadas a algumas habilidades e competências do 4º Bimestre do Currículo Mínimo de História da 1ª Série do Ensino Médio. Estas atividades correspondem aos estudos durante o período de um mês.

A nossa proposta é que você, aluno, desenvolva estas Atividades de forma autônoma, com o suporte pedagógico eventual de um professor, que mediará as trocas de conhecimentos, reflexões, dúvidas e questionamentos que venham a surgir no percurso. Esta é uma ótima oportunidade para você desenvolver a disciplina e independência indispensáveis ao sucesso na vida pessoal e profissional no mundo do conhecimento do século XXI.

Neste Caderno de Atividades, vamos tratar das colonizações espanhola, inglesa e portuguesa na América, comparando-as com intuito de compreender as semelhanças e identificar as características específicas de cada modelo de colonização. Dentre os temas a serem analisados estão o processo de conquista, o impacto da colonização sobre os povos indígenas e a organização administrativa, econômica e social estabelecida pelos colonizadores na América, na qual serão priorizadas as principais atividades econômicas, as relações de trabalho estabelecidas e a diversidade da sociedade colonial.

Este documento apresenta 03 (três) aulas. As aulas podem ser compostas por uma **explicação base**, para que você seja capaz de compreender as principais ideias relacionadas às habilidades e competências principais do bimestre em questão, e **atividades** respectivas. Leia o texto e, em seguida, resolva as Atividades propostas. As Atividades são referentes a um tempo de aula. Para reforçar a aprendizagem, propõe-se, ainda, uma **avaliação** e uma **pesquisa** sobre o assunto.

Um abraço e bom trabalho!

Equipe de Elaboração

Sumário

✚ Introdução	3
✚ Aula 1: América Espanhola.....	5
✚ Aula 2: América Inglesa	10
✚ Aula 3: América Portuguesa	14
✚ Avaliação	21
✚ Pesquisa	24
✚ Referências	25

Aula 1: América Espanhola

Caro aluno, antes da chegada dos europeus nosso continente já era habitado por diferentes povos, chamados genericamente de índios. No entanto, se prestarmos atenção, hoje, os países da América falam um idioma diferente da língua de seus primeiros habitantes, e grande parte de sua população já não possui mais a aparência idêntica a dos indígenas – o que percebemos é uma imensa mistura de raças. Para os nativos, a chegada dos europeus trouxe consigo inúmeros prejuízos: sua população, que antes somava milhões de pessoas, diminuiu drasticamente; seus hábitos, costumes e culturas foram desprezados e considerados inferiores pelos homens brancos que, pouco a pouco, passaram a ocupar suas terras e impor a sua lei. Mas... se eram milhões de índios, por que eles não lutaram contra esses brancos invasores? Os astecas, incas e maias, por exemplo, construíram grandes impérios. Será que eles não tinham soldados para lutar?!

Na verdade, a conquista desses impérios não foi tão rápida assim. Houve muitas guerras e os espanhóis utilizaram diversos recursos para dominá-los: desde a violência física até o terror psicológico. Esses invasores brancos possuíam armas de fogo, espadas, canhões, cavalos e cahorros, arsenais de guerra completamente desconhecido pelos indígenas. Mesmo sendo um aspecto muito importante, não podemos atribuir a conquista apenas às armas de fogo – afinal, esses povos também possuíam armas, como arcos, flechas envenenadas, pedras, lanças e atiradeiras, além de serem numericamente superiores aos poucos homens que acompanhavam esses conquistadores. Outros fatores também contribuíram decisivamente para a conquista, a exemplo das doenças trazidas pelos brancos, como o sarampo, a varíola, o tifo e a gripe, que mataram milhares de índios. Além disso, os espanhóis perceberam que os Impérios Asteca e Inca tinham sob seu domínio outros povos que eram obrigados a pagar pesados tributos e prestar serviços para esses imperadores, e que estavam descontentes com essa situação. Os conquistadores, então, se uniram aos inimigos dos astecas e dos incas para derrotá-los. A aliança com esses povos foi fundamental para a vitória dos espanhóis.

Portanto, caro aluno, foi preciso massacrar muita gente, destruir cidades, templos e palácios e escravizar os índios subjugados para que Hernán Cortés conseguisse dominar o Império Asteca, em 1521, e Francisco Pizarro, o Império Inca, em 1533. Agora você deve estar se perguntando: mas por que os espanhóis queriam conquistar tantas terras? Ocorre que esses conquistadores estavam empenhados em encontrar riquezas, e perceberam rapidamente que essas terras possuíam muitos metais preciosos a serem explorados, como o ouro e a prata. Após a conquista, os territórios dominados transformaram-se em colônias da Espanha.

A participação da Igreja Católica nesse processo foi muito importante – a cruz e a espada (representando a religião e a força) estiveram unidas na tarefa de colonização da América. Coube aos missionários, por meio da catequização, converter os povos indígenas à religião católica e transmitir-lhes os valores da cultura europeia, forçando-os a abandonarem seus antigos hábitos, comportamentos, crenças e deuses. Foram fundadas dezenas de Igrejas por toda a América, e muitos índios passaram a viver em povoados (aldeamentos/missões) criados pelos missionários católicos.



Imagem da Virgem de Guadalupe, santa muito cultuada no atual México.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_de_Guadalupe

O entendimento das diferenças culturais e o respeito ao modo de vida dos habitantes nativos não era uma questão que passasse pela cabeça dos colonizadores. Para eles, os índios eram povos bárbaros e selvagens, que precisavam ser 'civilizados'.

Não tardou para que os espanhóis encontrassem uma grande mina de prata em Potosí, na Bolívia. Eram os índios que faziam a extração do metal, num regime de trabalho compulsório. Isto significa que eles eram obrigados a trabalhar para os colonos espanhóis, embora juridicamente não fossem considerados escravos. Para

explorar a mão de obra indígena, os espanhóis adotaram um sistema de trabalho baseado em antigas práticas dos astecas e incas, conhecida como **mita** ou **cuatequil**.



Mina de Potosí

As condições de trabalho nas minas eram péssimas, e milhares de índios morreram em consequência da exploração de metais preciosos. Muitos missionários católicos denunciaram os maus-tratos a que estavam submetidos esses índios, e se opuseram à sua escravização.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mita>

Sistemas de trabalho na América Espanhola:

- **Encomienda:** dava aos colonos espanhóis o direito de controlar aldeias e cobrar tributos, sob a forma de produto ou trabalho, fosse na agricultura ou nas minas. Em contrapartida, o *encomendero* devia pagar impostos à Coroa e cuidar da catequização das comunidades indígenas sob a sua “proteção”.

- **Repartimientos:** colonos espanhóis encarregavam os chefes indígenas da seleção dos homens que faziam o trabalho temporário nas fazendas ou nas minas, principal atividade para onde eram encaminhados.

Já nas Antilhas (ilhas da América Central), a mão de obra predominante era a de escravos africanos, onde trabalhavam no cultivo da cana-de-açúcar.

Para facilitar a administração de áreas tão extensas, foram fundados os Vice-Reino de Nova Espanha (que compreendia o México e parte da América Central) e o Vice-Reino do Peru (abrangendo quase toda a América do Sul – a Bolívia, Peru, Equador, Paraguai e Argentina). Nas regiões militarmente estratégicas, foram criadas a Capitania Geral da Venezuela e a Capitania Geral do Chile. Tanto os vice-reis quanto os capitães-gerais eram nomeados pelo rei da Espanha. Nas vilas e cidades coloniais foram instituídos os **Cabildos**, uma espécie de conselho municipal que cuidava da administração local e dos assuntos relacionados à justiça.

América Espanhola



A relação entre a metrópole (país que coloniza) e a colônia (região ocupada) foi marcada pelo Pacto Colonial, que buscava garantir para os colonizadores o direito de exclusividade (monopólio) sobre o comércio, evitando, assim, a disputa de mercado com outras nações. De acordo com o Pacto Colonial, as colônias só poderiam comprar e vender produtos para a sua metrópole, e a sua produção deveria ser organizada de modo a gerar lucro e riqueza para os colonizadores. Mas o monopólio comercial exigido pela metrópole não funcionou muito bem na prática, sendo comum o contrabando de mercadorias e a pirataria (saqueamento de navios), atividade na qual os ingleses se destacaram. Mesmo assim, a exploração colonial gerou tanta riqueza para a Espanha que, pouco tempo depois da conquista da América, ainda no século XVI, ela era a maior potência da Europa. Os comerciantes europeus envolvidos no comércio ultramarino também obtiveram lucros extraordinários.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Independ%C3%Aancia_da_Am%C3%A9rica_Espanhola

A sociedade que se formou na América colonial lembrava, em muitos aspectos, a sociedade espanhola, com as mesmas divisões e privilégios. O nascimento, a “cor branca” e o nível econômico eram critérios importantes para marcar a posição de um indivíduo e estabelecer as diferenças sociais. Os espanhóis e seus descendentes formavam o grupo mais privilegiado desta sociedade, do ponto de vista político e econômico, possuindo direitos diferenciados. Esses espanhóis, conhecidos como *chapetones*, dominavam a política na colônia, pois ocupavam os cargos administrativos mais importantes, controlavam a justiça e o aparato militar. Outro grupo que gozava de prestígio eram os *criollos*, filhos de espanhóis que haviam nascido na América. Eles eram donos de grandes propriedades de terras, exploravam as minas e praticavam comércio. Embora não ocupassem os mais altos cargos da administração colonial, participavam dos *Cabildos* (conselhos municipais), controlando a política local.

Abaixo desses dois grupos estavam os mestiços (fruto da ‘mistura’ entre espanhóis e indígenas), os indígenas e os escravos africanos, em situação oposta. Os indígenas formavam a maioria absoluta da população e representavam a principal mão de obra da colônia, trabalhando nas minas, na agricultura e na construção de obras públicas. Eles eram extremamente explorados e viviam em condições miseráveis.

Ainda hoje, é possível observar as marcas da colonização na vida dos descendentes indígenas em toda a América Latina. Muitos deles continuam em situação de pobreza, são discriminados e lutam por reconhecimento e direitos que deveriam fazer parte da vida de qualquer cidadão.

Atividade 1

1. Leia o trecho abaixo:

“Para os que concebem a História como uma disputa, o atraso e a miséria da América Latina são o resultado de seu fracasso. Perdemos; outros ganharam. Mas acontece que aqueles que ganharam, ganharam graças ao que nós perdemos: a história do subdesenvolvimento da América Latina integra, como já se disse, a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória alheia, nossa riqueza gerou sempre a nossa pobreza para alimentar a prosperidade dos outros: os impérios e seus agentes nativos. Na alquimia colonial (...), o ouro se transforma em sucata e os alimentos se convertem em veneno. Potosí, Zacatecas e Ouro Preto caíram de ponta do cimo dos esplendores dos metais preciosos no fundo buraco dos filões vazios, e a ruína foi o destino do pampa chileno(…)” **Galeano, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, pg.5-6)**

Caro aluno, levando em conta o que estudamos em nossa primeira aula, explique a seguinte frase retirada do texto:

“Mas acontece que aqueles que ganharam, ganharam graças ao que nós perdemos (...) nossa riqueza gerou sempre a nossa pobreza para alimentar a prosperidade dos outros: os impérios e seus agentes nativos.”

Aula 2: América Inglesa

Prezado aluno, agora vamos estudar o processo de colonização do território que atualmente corresponde aos Estados Unidos. Nesse país, as pessoas falam inglês, não é? Aí vai uma dica: você já reparou que os países da América falam até hoje a mesma língua de seus colonizadores? Pense nos países colonizados por Portugal e Espanha, como o Brasil e a Argentina, por exemplo. Que língua é falada nesses lugares? Ora, assim ficou fácil descobrir que país colonizou os Estados Unidos: só pode ter sido a Inglaterra! Agora que você já aprendeu a identificar quem foram os colonizadores da América, preste atenção em outra dica: você já estudou que os habitantes nativos do nosso continente eram os índios. E o que explica que alguns países como o Brasil, Cuba e Estados Unidos tenham uma expressiva população negra? Essa também é fácil: é porque foram colônias cuja economia estava baseada na utilização de mão de obra escrava africana.

De antemão, é importante que você saiba que a área colonizada pelos ingleses era bem menor do que o tamanho que os Estados Unidos têm hoje. A ocupação desse território durante o período colonial se restringiu ao litoral do oceano Atlântico, dando origem às Treze Colônias Inglesas. Muitas pessoas que viviam insatisfeitas na Inglaterra viram no Novo Mundo (o continente americano) uma oportunidade de reconstruir uma nova vida. Esses primeiros colonos eram formados principalmente por protestantes puritanos perseguidos, pois a Inglaterra adotara, desde 1534, o Anglicanismo como religião oficial – e aqueles que não a seguiam, como os católicos, eram vítimas de perseguição e até de execuções. Mas havia entre esses colonos muitos camponeses que tinham sido expulsos de suas terras e que também desejavam “fazer a América”, ou seja, prosperar e ter uma vida melhor.

Os primeiros colonos que desembarcaram do navio *Mayflower* no atual estado de Massachusetts, em 1620, seriam conhecidos como os “pais peregrinos”. Foram eles que deram início à ocupação do norte da colônia, também chamada de Nova Inglaterra.

As Treze Colônias Inglesas na América



A expansão da atual fronteira do país, que se estende até o oceano Pacífico, ocorreu após a independência, mais especificamente a partir do século XIX. A fase inicial de ocupação, bem como o processo de expansão para o oeste (em direção ao Pacífico), resultou em muita guerra contra os índios e na morte de milhares deles, em semelhança ao que acontecia em outras partes da América. Os principais povos indígenas que ocupavam a região eram os iroqueses, *cherokees*, *sioux*, *apaches* e *chinooks*.

<http://www.chumanas.com/2013/02/independencia-do-estados-unidos-treze.html>

Índios Ohlones - EUA



<http://photos.legendsofamerica.com/indianwomenfamily/h3DEA021A>

A ocupação das Treze Colônias seguiu modelos de organização social e econômica distintos. Nas colônias do norte predominava uma economia baseada na pequena propriedade familiar, voltada para a agricultura, pecuária e comércio local do excedente produzido. Os trabalhadores eram livres e assalariados. Já nas colônias do sul, o clima mais quente permitia o cultivo de produtos tropicais, como o tabaco (fumo), cana-de-açúcar e o algodão. Nessas colônias, a produção seguia o sistema de **plantations** (como ocorreu no nordeste açucareiro, que veremos a seguir), baseado em grandes propriedades monocultoras (ou seja, cultivo de um só produto), na mão de obra escrava negra e na produção voltada para exportação (no caso, os produtos tropicais eram exportados para a Inglaterra). De modo geral, as colônias inglesas

gozavam de bastante autonomia política. Os governadores indicados pelo governo inglês tinham que obedecer às leis definidas pelas Assembleias locais, composta pelos colonos. A autoridade da Igreja Puritana também era bastante respeitada. Esses religiosos controlavam rigidamente 'a moral e os bons costumes' da sociedade, interferindo até em assuntos que competiam à justiça.

A liberdade que os colonos possuíam no campo político também se aplicava ao comércio. As colônias do norte foram as que mais se beneficiaram dessa situação, desenvolvendo um sistema de comércio com as Antilhas, a África e com a própria metrópole – o chamado comércio triangular.

**As relações comerciais das colônias inglesas:
O Comércio Triangular**



(José Dantos, "História Geral". vol. 2).

O comércio triangular funcionava do seguinte modo:

Os colonos do norte compravam açúcar, melado, tabaco e anil das colônias do sul e das Antilhas, e revendiam para essas colônias os escravos que trabalhariam em suas lavouras. Esses escravos, por sua vez, eram adquiridos com os comerciantes africanos, que os forneciam em troca de rum, armas de fogo e produtos manufaturados. Os colonos também remetiam para a Inglaterra os produtos tropicais produzidos na América e adquiriam os manufaturados que depois seriam comercializados nas colônias

<http://professor.bio.br/historia/comentarios.asp?q=107&t=America>

A autonomia (liberdade) das colônias inglesas, em especial das colônias do norte, é um dos principais aspectos que diferenciam a colonização inglesa do tipo de colonização praticada por Portugal e pela Espanha na América.

Atividade 2

1. Olhe atentamente a imagem abaixo:



Relacione a imagem ao que estudamos em nossa aula número 2, explicando qual a intenção do autor em retratar essa representação.

http://www.escolamaster.com.br/admin/modulos/upload_arquivos/arquivos/519f6fcb4c74e.pdf

Aula 3: América Portuguesa

Caro aluno, provavelmente você já ouviu falar que Pedro Álvares Cabral “descobriu o Brasil em 1500” e que, a partir daí, o Brasil passou a ser colônia de Portugal. Mas como você acha que isso aconteceu? Será que a colonização começou no dia 22 de abril de 1500, assim que a frota de Cabral desembarcou nestas terras? Ou será que a colonização do território que veio a se chamar Brasil foi resultado de um processo bem mais complexo do que isso? Nessa aula, vamos tentar responder essas perguntas e tantas outras sobre a colonização portuguesa na América.

A data de 22 de abril de 1500 representa apenas o início de um longo processo de conhecimento, exploração, conquista e ocupação do território americano pelos portugueses. Nunca é demais lembrar que até então, essas terras eram habitadas por uma população nativa diversificada que foi indiscriminadamente chamada de índio (ou indígena), e que essas populações foram dizimadas ao longo do processo de conquista e de posterior colonização. Isso também ocorreu nas colonizações espanhola e inglesa, como vimos nas aulas anteriores. Mas vamos tratar agora especificamente da América portuguesa, que é o nosso Brasil. Por que, caro aluno, falamos acima em “um processo de conquista e posterior colonização?”. Vamos entender melhor isso?

Primeira missa no Brasil – 26 de abril de 1500



<http://www.infoescola.com/historia/a-primeira-missa-no-brasil/>

Caro aluno, assim como na América espanhola, a religião católica teve papel importante na colonização portuguesa. Através dos padres jesuítas, membros da Companhia de Jesus, a Igreja Católica deu início à catequização dos indígenas, que nada mais era do que uma tentativa de impor aos índios a religião, a moral e a cultura europeia. Apesar de os missionários jesuítas se colocarem contra a escravidão dos índios, a Igreja ajudou a justificar a conquista das terras e dos povos nativos.

Primeiramente, é preciso esclarecer que em um primeiro momento Portugal não apresentou grandes interesses na terra que acabara de conhecer, pois o país estava mais preocupado com seu comércio de especiarias orientais na Índia, que lhe rendia vultosos lucros. Assim, de início, a exploração da nova terra se deu através de trocas com os nativos. O principal produto que interessava para Portugal nos primeiros anos de conquista foi o pau-brasil, árvore que deu nome ao nosso país. Essa árvore nativa era usada pelos europeus para tingir tecidos e sua aquisição era feita através de **escambo**, ou seja, os índios forneciam a madeira aos portugueses em troca de objetos que não conheciam e que, para eles, tinham muito valor, como espelhos, facões, machados, entre outros. O armazenamento e a negociação do pau-brasil e outros produtos frutos do escambo eram feitos em **feitorias**, que também funcionavam como fortaleza para proteger o território.

No entanto, cientes de que se não ocupassem efetivamente aquele território, outras nações o fariam, os portugueses decidiram, a partir de 1532, colonizar aquelas terras que chamaram de Brasil. Nesse mesmo ano, Martim Afonso de Souza fundou São Vicente, a primeira vila do Brasil. Contudo, a ocupação de um território tão vasto custaria muito caro aos cofres portugueses. A saída encontrada foi dividir a terra entre portugueses que pudessem promover a ocupação e, ao mesmo tempo, pagar tributos à Coroa, garantindo, com isso, seu lucro. Assim, em 1534, o Rei D. João III dividiu o território em quinze faixas de terra chamadas de **Capitanias Hereditárias**. Os portugueses ricos a quem eram concedidos uma capitania hereditária eram chamados de **donatários**. Eles deveriam cumprir algumas obrigações, como fundar vilas e povoados, cobrar impostos, aplicar a lei, expandir a fé cristã e doar **sesmarias**, que eram lotes menores de terras onde seriam efetivadas as unidades de produção colonial. Vale mencionar que, como o próprio nome já informa, as capitanias eram hereditárias, ou seja, passava de pai para filho e, na falta deste, para um parente próximo.

Capitanias hereditárias



Caro aluno, podemos dizer que o sistema de doação de sesmarias no período colonial inaugura no Brasil a concentração de terras, causadora de uma imensa desigualdade social. Isso porque as sesmarias eram doadas às famílias ricas, que tivessem condições de produzir nessas terras. Ao longo do tempo, a maior parte das terras brasileiras passou a se concentrar nas mãos de umas poucas famílias, enquanto a maioria da população não tinha acesso à terra para produzir. Atualmente, em nosso país, ainda há grande concentração de enormes pedaços de terra (os latifúndios) nas mãos de poucos, enquanto a maioria da população que vive no campo não tem terra para plantar, permanecendo, assim, a desigualdade social.

<http://www.mundovestibular.com.br/articles/6635/1/Capitanias-Hereditarias/Paacutegina1.html>

No entanto, caro aluno, poucas foram as capitanias hereditárias que conseguiram prosperar, destacando-se as de São Vicente e Pernambuco. Muitos foram os motivos do fracasso das demais capitanias, entre eles a falta de verbas, a dificuldade de comunicação entre os donatários e entre estes e a Coroa portuguesa, bem como a resistência dos indígenas, que eram os verdadeiros donos das terras. Para melhor administrar a colônia e centralizar seu governo, antes disperso no sistema de capitanias, D. João III criou, em 1549, o **Governo Geral**. Tomé de Souza foi o primeiro Governador-geral nomeado, e a cidade de Salvador escolhida para sediar a capital da colônia. Para auxiliar a administração do Governo-Geral foram criados os cargos de capitão-mor (responsável pela defesa do território), provedor-mor (responsável pelas finanças) e ouvidor-mor (encarregado da justiça na colônia). Muitos portugueses vieram para a colônia para ocupar cargos administrativos, trabalhar como soldados, artesãos e etc. E tantos outros chegaram expulsos de Portugal por infração da lei, os chamados degredados.

Mas, caro aluno, você sabe qual foi o produto que mais rendeu lucros para a Coroa portuguesa nas primeiras décadas da colonização do Brasil? Respondeu certo se

disse “cana-de-açúcar”. A cana-de-açúcar se mostrou um ótimo produto para se investir nessas terras. O açúcar tinha um altíssimo valor comercial na Europa e as terras brasileiras, especialmente as do Nordeste, eram próprias para seu cultivo. Em uma mesma unidade produtiva, o **engenho**, cultivava-se a cana-de-açúcar e procedia-se a sua transformação em açúcar, para exportação ao mercado europeu.



<http://www.infoescola.com/brasil-colonia/engenho-de-acucar/>

O Brasil também foi marcado pelo *Pacto Colonial*. Ou seja, a colônia (Brasil) só poderia estabelecer relações comerciais por intermédio de sua metrópole (Portugal), que ficava com a maior parte dos lucros obtidos no comércio.

A crescente demanda pelo açúcar condenou os indígenas à perda de suas terras, cada vez mais necessárias para o aumento da produção açucareira, e também à escravidão, tendo sido eles a primeira mão de obra utilizada na colônia. No entanto, aluno, é importante mencionar que a resistência indígena foi tão grande que chegou a inviabilizar a sua utilização como mão de obra em muitos lugares.

Combate entre milícias e indígenas na pintura de Rugendas



http://pt.wikipedia.org/wiki/Terras_ind%C3%ADgenas

A colonização portuguesa no Brasil significou o genocídio de milhares de nativos, mortos principalmente em batalhas pela posse da terra, mas também por outros motivos, como homicídios e doenças trazidas pelo homem branco.

É bem provável, prezado aluno, que você esteja se perguntando sobre os trabalhadores negros que foram escravizados aqui em nosso país. Provavelmente também, você ouviu falar que os africanos “substituíram” a mão de obra indígena, não é verdade? De fato, os negros africanos foram trazidos em larga escala para trabalharem nas plantações. Mas essa substituição não foi feita de uma hora para outra. Em muitos lugares, como no Norte e no Centro-Oeste, os índios continuaram a ser uma importante mão de obra.

De qualquer forma, a partir de meados do século XVI, os africanos passaram a ser a principal mão de obra no Brasil, especialmente no nordeste açucareiro, onde se consolidou o modelo de colonização baseado no trabalho escravo, no latifúndio (grande propriedade de terra) e na monocultura (onde se privilegia apenas um produto para cultivo, no caso a cana-de-açúcar). Esse sistema, como vimos para o caso da América inglesa, era chamado de **plantation**.

Uma questão sempre levantada, e que pode ser também sua dúvida, caro aluno, é o porquê da substituição da mão de obra indígena pela africana. Na verdade, não existe apenas uma resposta para essa pergunta. Já vimos que a revolta da população indígena foi um dos fatores que dificultaram a escravidão dos nativos. Mas havia também a defesa dos índios pelos jesuítas e dispersão da população indígena, dificultando o abastecimento das regiões canavieiras. Mas a principal justificativa dada pelos historiadores para a escravidão africana é o altíssimo lucro gerado pelo tráfico negreiro. A metrópole portuguesa organizava e cobrava impostos pelo comércio dos africanos e, com isso, enriquecia. Portanto, a escravidão africana pode ser explicada pelo lucro que o comércio humano dava aos portugueses.

Os africanos escravizados no Brasil eram considerados uma mercadoria e, como tal, podiam ser vendidos, alugados ou trocados pelo seu senhor. Os que trabalhavam nas plantações viviam em senzalas, locais construídos especialmente para abrigá-los. As senzalas eram sempre bem vigiadas pelos feitores, responsáveis por impedir as fugas e, muitas vezes, castigá-los.

Trabalho escravo na lavoura canavieira



http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/uma%20historia%20do%20negro%20no%20brasil_cap03.pdf

É muito importante ressaltar que desde que o primeiro africano desembarcou no Brasil para ser escravizado, houve resistência. No entanto, ao contrário do que acontecia com os nativos, os africanos não conheciam essas terras. Além de terem sido trazidos para terras desconhecidas, onde era difícil alguém falar sua língua, esses africanos muitas vezes dividiam a senzala com pessoas de outros reinos, estados e até aldeias inimigas, dificultando as fugas e rebeliões. Contudo, apesar das dificuldades, os africanos e seus descendentes lutaram pela sua liberdade, fugindo, promovendo rebeliões ou se refugiando em quilombos, entre outras estratégias de resistência.

Apesar de grande parte dos escravos terem sido utilizados nos engenhos de cana-de-açúcar, muitos trabalhavam em outras atividades, como estivadores, marinheiros, vendedores, aprendizes, artesãos ou em serviços domésticos, entre outras. A partir dos séculos XVII, com a ascensão da mineração em Minas Gerais e Goiás, muitos escravos foram trabalhar nas minas e outras atividades que movimentavam a economia nas regiões mineradoras, como na agropecuária. Nas cidades era muito comum ver escravos em atividades como carregadores de mercadoria, comércio, como barbeiros e etc. Nas áreas urbanas esses escravos poderiam ser “escravos de ganho”, ou seja, trabalhavam em alguma atividade e pagavam uma taxa, chamada **jornal**, ao seu senhor.

Atividade 3

1. Caro aluno, leia com atenção o texto abaixo, que é, na verdade uma música:

O Canto das Três Raças (*Paulo César Pinheiro*)

Ninguém ouviu	E de guerra em paz
Um soluçar de dor	De paz em guerra
No canto do Brasil	Todo o povo desta terra
Um lamento triste	Quando pode cantar
Sempre ecoou	Canta de dor
Desde que o índio guerreiro	E ecoa noite e dia,
Foi pro cativo	É ensurdecedor
E de lá cantou	Ai, mas que agonia
Negro entoou	O canto do trabalhador
Um canto de revolta pelos ares	Esse canto que devia
No Quilombo dos Palmares	Ser um canto de alegria
Onde se refugiou	Soa apenas como um soluçar de dor
(...)	

Que conexões é possível estabelecer entre a música acima e o que estudamos em nossa terceira aula?

Avaliação

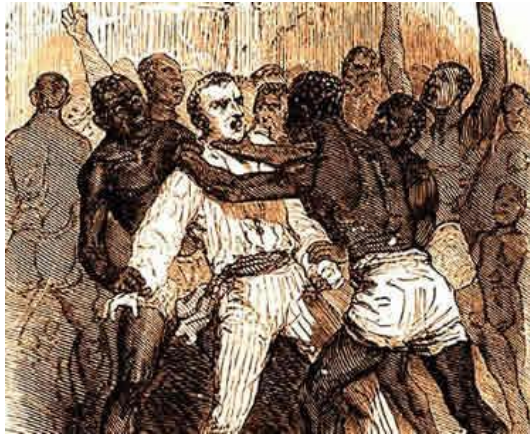
1. Vimos que tanto os espanhóis, como os ingleses e portugueses, subjugaram violentamente a população nativa para garantir a dominação sobre suas terras. Levando-se em conta que os nativos eram a maioria, o que possibilitou a vitória europeia?

2. As duas principais atividades econômicas que Portugal e Espanha incentivaram na América, no início da colonização efetiva das terras, foram, respectivamente:

- a) O cacau na América portuguesa e a mineração da prata e do ouro na América espanhola.
- b) A monocultura da cana-de-açúcar na América portuguesa e a mineração de ouro e de prata na América espanhola.
- c) a monocultura da cana-de-açúcar na América portuguesa e a pecuária na América espanhola.
- d) A mineração na América portuguesa e a monocultura do tabaco na América espanhola.

3. Em relação à colonização inglesa na América, explique resumidamente as diferenças entre nas colônias do Norte e do Sul:

4. Compare as duas imagens que tratam da mão de obra escrava na América portuguesa:



<http://www.brasilecola.com/historiab/a-resistencia-dos-escravos.htm>

http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20mata/UnivlerCidades/Hist%C3%B3ria/mata_breve_historia/grande024.htm

Resposta:

5. Veja com atenção a imagem abaixo e responda:



a) Que relação podemos estabelecer entre a imagem e divisão de terras no Brasil no período colonial?

<http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/a-questao-terra-no-brasil.htm>

b) Que tipo de problemas a concentração de terras nas mãos de poucos traz para a sociedade?

Pesquisa

Caro aluno, vimos que as colonizações espanhola, inglesa e portuguesa na América, apesar de suas diferenças, tiveram algumas semelhanças. Uma delas é o fato de os europeus terem dizimado as populações nativas, chamadas genericamente de indígenas. Nossa proposta é que você, individualmente ou em grupo de até três colegas, escolha uma dessas populações (no Brasil ou em outro país da América) e faça uma pesquisa sobre como seus descendentes vivem atualmente.

Referências

- [1] FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12a edição. São Paulo: EDUSP, 2006.
- [2] KARNAL, Leandro. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- [3] SCHWARTZ, Stuart B.; LOCKHART, James. *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- [4] VAINFAS, Ronaldo (dir.). *Dicionário do Brasil Colonial: 1500-1808*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

Equipe de Elaboração

COORDENADORES DO PROJETO

Diretoria de Articulação Curricular

Adriana Tavares Maurício Lessa

Coordenação de Áreas do Conhecimento

Bianca Neuberger Leda
Raquel Costa da Silva Nascimento
Fabiano Farias de Souza
Peterson Soares da Silva
Marília Silva

PROFESSORES ELABORADORES

Daniel de Oliveira Gomes
Danielle Cristina Barreto
Erica Patricia Di Carlantonio Teixeira
Renata Figueiredo Moraes
Sabrina Machado Campos